

Veraneio e Lazeres no Lugar de Praias, concelho de Oeiras (I)

Desde o início do século XIX, o lugar denominado «Praias» que, segundo as palavras do Pe. Francisco Figueira, incluía «Cruz Quebrada, Dafundo, S. José de Ribamar e Ponte de Algés» e que corresponde à actual faixa ribeirinha entre Cruz Quebrada e Algés – era destino de veraneio. Na escolha destes locais, à nobreza seguiram-se burgueses e representantes da recente aristocracia constitucional. Quem não possuía residência própria alugava-a para os meses de banhos.



Praia de Pedrouços, publicado em 1876.

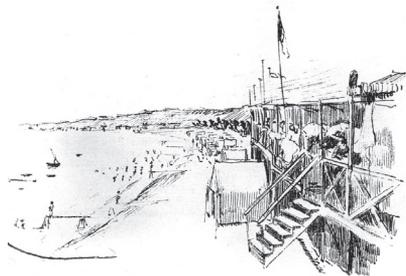
A praia de Pedrouços, «formosa estação de banhos», é considerada a praia precursora das praias do Tejo. Em 1870, esteve na sua quinta em Pedrouços, junto à margem esquerda da ribeira de Algés, o duque de Cadaval, aí usufruindo dos banhos de mar e da mata. Sobre esta praia escrevia Ramalho Ortigão, em 1876, assemelhar-se a «uma secretaria do Estado ao ar livre», pois ali se encontravam os funcionários públicos e suas famílias. Em Pedrouços veraneava, então, Fontes Pereira de Melo, sempre na mesma casa, razão pela qual ali confluíam «outros homens políticos – corajosamente...

para fazer-lhe a corte».

Se as praias de Pedrouços, Belém e

Algés eram praias mundanas, razão pela qual eram muito concorridas por quem queria ver e ser visto, a praia da Cruz Quebrada era considerada uma das mais discretas. Era ali que, segundo Gilberto Monteiro, «se refugiava para repousar e cuidar das suas ninhadas (...) o proletário intelectual».

Numa clara alusão à família proprietária do *chalet* actualmente designado Palácio Anjos, relatou um anónimo digressista das praias, em 1870, que, nesse Verão, esteve na Cruz Quebrada «a bem elegante sociedade da qual fazia parte a cômte celeste dos Anjos, rancho fatídico e esbelto, ostentando galas e primores do mais refinado bom gosto em casquilhos toilettes, trajados por tão graciosas deidades, que esparziam sorrisos feiticeiros, e sabiam acompanhá-los de um chic, todo especial em animadas conversas ou mais distrações campestres».



Praias de Pedrouços e Algés, publicado em 1889.



Em 1870, perto da ponte de Algés havia «umas poucas de casinhas pequenas, e aceiadas, limpas e bem dispostas», que ficavam defronte do antigo forte de Nossa Senhora da Conceição e onde se instalavam «muitos burguezes ricos e abastados». Ao analisarmos o território, através de cartografia da década de 1840, verificamos que parte das terras eram utilizadas para cultivo, existindo algumas quintas e um reduzido número de edificações. Em 1873, Pinho Leal descreveu o então lugar de Algés, que corresponde ao núcleo actualmente designado Algés de Cima, como uma «aldeia pequena localizada a oeste de Lisboa, um dos mais aprasiveis sítios dos arrabaldes de Lisboa».

As vetustas construções existentes neste território ribeirinho assumiram a sua função de casa de veraneio, adaptando-se gradualmente ao novo uso. Com a extinção das ordens religiosas e a nacionalização dos bens da Igreja, em 1834, o convento de S. José de Ribamar foi transformado em casa de veraneio. O mesmo aconteceu com os fortes, esgotada a sua função defensiva, como o forte de Nossa Senhora da Conceição de Pedrouços. Concomitantemente construíram-se novas habitações, *chalets* e outras residências de veraneio.

Quando o hábito do veraneio marítimo no lugar de Praias se generalizou, nas últimas décadas de Oitocentos, ali tinham a sua propriedade de veraneio ou recreio diversas individualidades. A Quinta de S. João do Rio era, em 1865, referida pelo Pe. F. Figueira como a «residencia campestre dos srs. Palhas, formosa nas quintas e jardins, com belos arruamentos e uma vista magnífica sobre o rio Tejo e a estrada real». Esta quinta, construída pelo ano

de 1730, foi, na década de 1840, centro de reunião da elite intelectual de que faziam parte os herdeiros da propriedade. Almeida Garrett esteve no palacete da família Palha durante os verões de 1847 e 1848, na companhia de Francisco Palha (1826-1890), jornalista e membro da direcção do Teatro da Trindade e de Fernando Palha (poeta), ambos filhos do proprietário do «palácio pombalino, situado sobre o mar, com belos jardins e ricamente mobilado, que faziam convergir para o seu meio a sociedade elegante em veraneio na zona». D. José Coutinho de Lencastre confirma, na sua “Digressão Recreativa” que, no ano de 1868, na casa da família Palha, veraneou El-Rei D. Fernando na companhia da segunda mulher, a condessa d’Edla.

No Dafundo tinha, também, a sua quinta de veraneio, a família Castelo Melhor, sendo a propriedade confinante com a da família Palha. Neste edifício veio a estar instalado o Colégio Portugal, em meados do século XX. O antigo palacete acabou por ser demolido.



Antigo palácio Castelo Melhor, no Dafundo, durante o período em que ali esteve instalado o Colégio de Portugal.

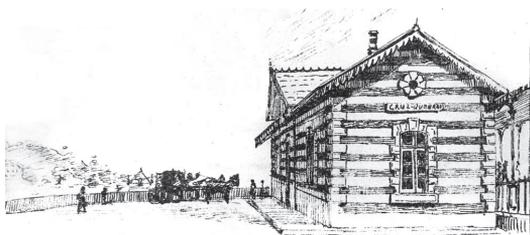
Em 1874, Pinho Leal referia estas quintas e seus palacetes, salientando as suas «bellissimas vistas» e relatando que no Dafundo havia «três bellas casas de campo», a «dos

HISTÓRIA E PATRIMÓNIO

srs. marqueses de Castelo Melhor», que não tinha quinta mas um «vasto terreno»; e duas casas rodeadas de quintas, que eram, uma, a da família Palha e a outra a fundada por Luiz Monteiro (negociante da praça de Lisboa) e então pertencente ao sr. Gaspar José Vianna

No Dafundo, onde, em 1898, foi inaugurado o Aquário Vasco da Gama, ficava a terceira estação da Linha de Cascais. A seguinte era na Cruz Quebrada, a «praia discreta».

Na Cruz Quebrada, possuía, em 1865, o conselheiro Bartolomeu dos Mártires Dias e Sousa várias quintas e a sua casa de veraneio. Várias propriedades, entre as quais o actual palacete de Santa Sofia, vieram a ser herdadas por D. Sofia, sua filha, que casou com o 2.º conde de Tomar.



Estação de Cruz Quebrada, publicado em 1889.

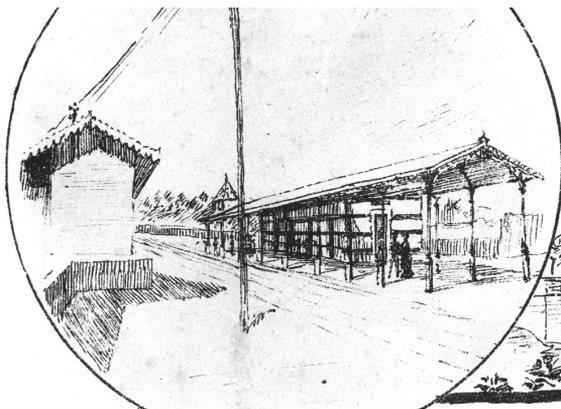
Em 1874, tinham na Cruz Quebrada, «uma bella quinta os srs. Condes do Casal-Ribeiro», e junto à foz da ribeira do Jamor, enquanto na sua margem direita, funcionavam duas fábricas de curtumes

Na encosta de Ribamar, possuía o conde de Cabral a sua casa de veraneio, adaptada do antigo Convento de S. José de Ribamar, sendo também proprietário do antigo Palácio do conde de Lumiares – actual Palácio Ribamar –, onde chegou a veranejar Ernesto Rodolfo Hintze Ribeiro e a família.



“Casa do sr. Polycarpo Anjos, em Algés”, publicado em 1889.

Em Algés, para além da quinta e *chalet* de Miramar, da família Anjos, havia o Palácio da Conceição, a «casa do sr. conde de Valenças» e algumas casas que provinham alojamento na época balnear, como a Vila Mathias e a Vila Castanheira.



Estação de Algés, publicado em 1889.

A nova via férrea ditou o fim dos serviços para Algés quer do «americano» quer do «rippert».

(continua no próximo número)

Alexandra de Carvalho Antunes